

**Folha de S. Paulo**

**6/6/1984**

### **Da Fenit à mobilização dos trabalhadores rurais**

Irede Cardoso

Enquanto na Fenit, filas de homens se formavam para ver a nova musa masculina da provincial classe média na mídia brasileira. o travesti Roberta Close, os trabalhadores sem terra da região Sul-Sudeste realizavam encontro, discutindo a reforma agrária como única forma de dar um fim à miserável vida do trabalhador rural, como forma ainda, de evitar episódio lamentáveis como o de Guariba. Tivemos "apenas" 426 conflitos de terra no ano passado, no País.

Poucas são as trabalhadoras tutas que participam de tais encontros, justamente por ser essa a categoria na qual a discriminação se faz mais violenta. É raríssimo encontrar uma trabalhadora solteira. Aos vinte anos, a imensa maioria está casada. Ela, portanto, não conta com os benefícios (benefícios?) previstos pelo Funrural. Não pode sindicalizar-se. Dessa forma, a trabalhadora rural "não existe": ela está fora da extrema marginalização da categoria, mais marginalizada ainda.

Mas, por incrível que pareça a mobilização das mulheres trabalhadoras rurais, na área de Chapecó, Santa Catarina, é enorme. Sua luta: a sindicalização, em primeiro lugar. Os colonos, como são chamados no Sul, já contam com um sindicato atuante, com 11 mil associados. A presença da mulher na luta por um sindicato forte e não "pelego" foi notável. Entre as 50 delegacias sindicais formadas pelas 70 comunidades rurais abrangidas pelo sindicato, várias foram lideradas por mulheres.

No dia 8 de março passado, Dia Internacional da Mulher, formou-se o Movimento de Base das Mulheres Agricultoras, a partir das reflexões sobre a vida da mulher no campo: ela levanta às 5h30, tira leite das vacas, alimenta a família, cuida das crianças e adianta o almoço. Às 7h30, roça, "ajuda o marido", volta, serve o almoço, retoma a enxada. À noite, faz o jantar, lava, passa, cerze, limpa a casa, é a dupla jornada.

Com reuniões periódicas, o movimento já conta com escola rural própria, funcionando em paiol e além disso com mini-postos de atendimento médico. Elas discutem reforma pelos bancos e, certamente, sua própria condição de mulher.

Enquanto, anteontem, o prefeito de São Paulo recebia Miss Brasil e as crianças de nossas creches passavam mais um dia de alimentação inadequada, pouca, cresce a mobilização da mulher trabalhadora. É preciso assinalar que o sonho é unir forças: mães, mulheres de classe média, trabalhadoras rurais, operárias, médicas, psicólogas, todas nós, apesar de certas divergências, estamos lutando para que este País deixe de ser leviano em seus modismos. A consciência cresce e, hoje, rendemos nossa homenagem a Lurdes Clementina Dal Chiaccon da comunidade rural de Itaberaba e a Maria Strapasson, da comunidade rural de Garibaldi.

Estamos crescendo, embora desordenadamente. Como bóias-frias da sociedade, as mulheres ainda aguardam o dia em que suas queixas e reivindicações serão ouvidas no País, um País de surdo que só sabe ser despertado no tapa.

**(Ilustrada — Página 3)**